

## **HETEROGENEIDADE ENUNCIATIVA EM *EI, PROFESSOR*, DE FRANK MCCOURT COURT**

**Diva Cleide Calles<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Concebendo-se o discurso como atravessado por discursos outros, denunciando a presença de diversas vozes, este trabalho se propõe a refletir sobre a heterogeneidade constitutiva do discurso como recurso ficcional. Toma-se como documento para análise o terceiro livro de Frank Mc Court, **Ei, Professor**, obra autobiográfica sobre sua trajetória docente no Ensino Médio, em quatro escolas públicas nova-iorquinas, entre as décadas de 50 e 80. O propósito é o de examinar a presença de várias instâncias enunciativas imbricadas no discurso e os sentidos por elas produzidos no tocante à estrutura e à temática da obra. Para tanto, serão utilizadas as noções dialogismo e polifonia, de Bakhtin, aliadas à concepção de heterogeneidade discursiva, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, conforme a apresentam Dominique Maingueneau e Jacqueline Authier-Revuz.

**PALAVRAS-CHAVE:** discurso, obra autobiográfica, heterogeneidade enunciativa

**SUMMARY:** Conceiving the speech as traversed by other speeches setting forth the presence of multiple voices, that paper intends to reflect on the discourse constitutive heterogeneity as a fictional feature. The analysis will be performed on the third book of Frank Mc Court, **Teacher man**, an autobiographical piece of writing about the author's teaching career in four public New York High Schools, between the 50s and 80s. The purpose is to examine the presence of multiple enunciative instances intertwined in the discourse and the senses produced by them regarding the book structure and theme. Thus, Bakhtin's conceptions of dialogism and polyphony will be applied, associated to the conception of discursive heterogeneity, from the perspective of the French Discourse Analysis, according to Dominique Maingueneau and Jacqueline Authier-Revuz.

**KEYWORDS:** discourse, autobiographical literature, enunciative heterogeneity

### **1. Considerações preliminares**

Este texto constitui parte da tese de doutorado defendida em 2012 pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (CALLES, 2012), na qual são analisadas obras literárias e cinematográficas que lidam com a figura do professor nas diversas identidades que ele possa assumir e representar no ensino em diferentes instituições escolares. Autorreferenciadas, escritas e protagonizadas por professores, e representando situações

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação (FE-USP); Mestre em Teoria Literária (FFLCH-USP); Graduada em Letras – Português e Inglês (FFLCH-USP); preparadora e revisora de textos; autora de materiais didáticos; professora (inglês, português, português língua estrangeira); docente no ensino superior (graduação e pós-graduação).

escolares, tais obras são examinadas como textos culturais, com sentidos e representações culturais e sociais sobre o ser professor e o exercício da docência no universo escolar<sup>2</sup>.

Concebendo-se o discurso como atravessado por discursos outros, denunciando a presença de múltiplas vozes, este trabalho se propõe a refletir sobre a heterogeneidade constitutiva do discurso como recurso ficcional. Toma-se como documento para análise o terceiro livro de Frank Mc Court, **Ei, Professor**, obra autobiográfica sobre sua trajetória docente no Ensino Médio, em quatro escolas públicas nova-iorquinas, entre as décadas de 50 e 80. Trata-se de fatos reais vivenciados pelo autor-narrador que, após se aposentar, realiza o sonho de se tornar escritor, resgatando percursos de formação e de transformação pessoais e profissionais.

Devem-se mencionar recursos ficcionais eficazmente empregados, sobretudo, o uso da ironia, que pontua todo o trecho e tem a virtude provocar humor cortante.

Eu queria ser um bom professor. Queria a aprovação que viria quando eu mandasse meus alunos para casa repletos de ortografia e vocabulário e de tudo aquilo que eu pudesse encaminhá-los para uma vida melhor mas, mea culpa, eu não sabia como fazer isso (p. 81-2)<sup>3</sup>.

A par disso, destaca-se o foco narrativo em primeira pessoa e o emprego do discurso direto livre, pelo qual o narrador dá voz a diferentes personagens, como em:

Conversei com os professores, na lanchonete, a respeito do Kevin. Eles balançavam a cabeça. Diziam, Que pena. Alguns desses garotos acabam se perdendo, mas que diabo o professor pode fazer? Temos turmas enormes, não temos tempo e não somos psicólogos (p. 107).

Ressaltam-se ainda as marcas de oralidade, diversos registros linguísticos (como o de adolescentes pertencentes a camadas sociais diversas, linguagem chula) e desvios da norma padrão – inclusive no que se refere à pontuação –, eficazmente mantidos na tradução para o português.

Depois da minha entrevista, ela já estava no corredor, dando um nó no cachecol embaixo do queixo e me disse, Foi moleza.

[...]

Estou cagando para o Norm. E para o Santayana também.

[...]

---

<sup>2</sup> São as seguintes as obras analisadas: **Blackboard jungle**, de Evan Hunter; **Sale Prof!**, de Nicolas Revol; **Entre les murs**, de François Bégadeau; **Teacher man**, de Frank McCourt; e os filmes: **Entre les murs (Entre os muros da escola)**; e **Blackboard jungle (Sementes da violência)**.

<sup>3</sup> MCCOURT, 2006. As citações da obra são dessa edição e vêm seguidas do número da página.

Tomei uma cerveja depois da outra, como salsichão de fígado de porco e cebola com bolachas, mije abundantemente [...] me chamei de babaca [...] (p.59).

Aquele negócio já estava enchendo me deixando de saco cheio, e eu disse para eles, vocês estão enchendo o meu saco. Um silêncio chocado. O professor usando linguagem chula. Tudo bem. Vai, recita esse poema de uma vez (p.221)

Tive vontade de mandar ele enfiar o seu emprego no rabo, mas isso seria o fim da minha carreira de professor (p.130).

A narrativa sobre as vicissitudes, mazelas e dilemas morais, conflitos profissionais e íntimos de uma figura que, como muitos de seus alunos, chega a ser um *outsider*, segue a linha cronológica; entretanto, pelo recurso do *flash back*, o narrador volta ao passado, para esclarecer o presente e tornar conhecida sua vida pregressa.

## 2. O autor

Nascido no Brooklin, em Nova York, em 19 de agosto de 1930, Frank McCourt foi o primeiro dos sete filhos de um casal de imigrantes irlandeses. Frank e os irmãos tiveram uma infância beirando a completa miséria, em uma sociedade extremamente católica e conservadora. A depressão acarretando falta de trabalho, aliada à morte de três irmãos ainda bebês, fez com que, aos quatro anos, Frank retornasse com a família à Irlanda, para Limerick, cidade natal da mãe. Frank, que os dez anos quase morreu de febre tifoide, encarregava-se de procurar comida para alimentar a família, tendo sido forçado, aos treze anos, a procurar trabalho e abandonar a escola, pois o pai alcoólatra – que vivia desempregado – abandonara a esposa e filhos.

Dos quatorze aos dezesseis anos, McCourt trabalhou em diferentes ocupações, conseguindo economizar dinheiro para retornar aos Estados Unidos em 1949, onde teve vários empregos até ser convocado pelo exército americano no início da Guerra da Coreia, após a qual obteve uma vaga para graduação na Universidade de Nova York, lançando mão do subsídio governamental a ex-soldados que lhes permitia retomar e prosseguir os estudos. Depois de formado, Frank ingressou no sistema de ensino público nova-iorquino, como professor de língua materna, no qual permaneceu por trinta anos em várias escolas, e se tornando um professor bem sucedido.

Aposentado, Frank, que se iniciou na escrita nos anos 80, inaugurou definitivamente sua carreira literária, num registro assumidamente confessional, com **Angela's ashes**. A memoir of a childhood (“As cinzas de Ângela”), lançada em 1996. Em 1999, **Angela's Ashes** foi adaptada para o cinema, em filme homônimo, com a qual se transformou um fenômeno literário dos anos 90. A esta obra seguiram-se **'Tis**, de 1999; **Teacher man**. A memoir, de 2005 (**Ei, professor**,

publicada no Brasil em 2006), sobre a carreira de trinta anos como professor de Inglês em escolas públicas nova-iorquinas; **Angela and the baby Jesus**, de 2007 (**Ângela e o menino Jesus**, publicada no Brasil em 2008), fábula natalina originada de uma história contada por sua mãe quando o autor estava com sete anos. Acometido por um melanoma, câncer de pele mais severo, McCourt faleceu aos 78 anos, em 19 de julho de 2009.

### 3. Perspectiva teórica

Na presente análise, a proposta é a de examinar a presença de várias instâncias enunciativas imbricadas no discurso e os sentidos por elas produzidos no tocante à estrutura e à temática da obra. Para tanto, serão utilizadas as noções dialogismo e polifonia, de Bakhtin, aliadas à concepção de heterogeneidade discursiva, sob a perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa, conforme a apresentam Dominique Maingueneau e Jacqueline Authier-Revuz.

A noção de polifonia a ser examinada refere-se à qualidade de todo discurso estar tecido pelo discurso do Outro, de toda fala estar atravessada pela fala do Outro. Conforme Bakhtin (1992), a verdadeira substância da língua está no fenômeno social da interação verbal, sendo o dialogismo o princípio constitutivo fundamental da linguagem. Termo carregado de uma pluralidade de sentidos, dialogismo designa as relações que todo enunciado mantém com os enunciados produzidos anteriormente e com os futuros enunciados que poderão ser efetivados pelos destinatários destes primeiros enunciados. Como consequência do dialógico<sup>4</sup>, da pluralidade de fontes enunciativas inseridas no discurso, decorre a não unicidade do sujeito, mas a heterogeneidade discursiva<sup>5</sup>. Vale dizer, pela presença de sujeitos diversos em um mesmo enunciado, várias vozes se exprimem sem que uma seja dominante. Deste modo, o dialogismo pressupõe a interdiscursividade e a presença de várias instâncias enunciativas, pois todo enunciado é direcionado a alguém e dialoga com outros discursos (MAINGUENEAU, 2002).

Para Authier-Revuz (1990), sendo a própria linguagem heterogênea na sua constituição, e sendo a materialidade do discurso de natureza linguística, cabe considerar o discurso como heterogêneo também. De acordo com a autora, a heterogeneidade enunciativa é constitutiva do

---

<sup>4</sup> Refere-se ao conceito emprestado ao Círculo de Bakhtin, entre outras linhas teóricas, pela Análise do Discurso de linha francesa, surgida na França, na década de 1960, à qual se filiam Maingueneau e Authier-Revuz. Teoria de inspiração psicanalítica e marxista sobre linguagem e seu funcionamento e sobre como se estrutura discursivamente o social, a Análise do Discurso de linha francesa considera como parte constitutiva do sentido o contexto histórico-social e as condições em que o texto foi produzido.

<sup>5</sup> São monológicos apenas na forma exterior mesmo os discursos emanados de um único locutor; na sua estrutura interna e semântica, são essencialmente dialógicos, comportando vozes de outros tantos enunciativos.

sujeito falante e de seu discurso, isto é, uma vez que a exterioridade habita a ambos (o sujeito e o discurso), neles aparece o Outro. Para fundamentar seu pensamento, a autora, remetendo ao dialogismo bakhtiniano, recorre a trabalhos que tomam o discurso como produto de interdiscursos, bem como àqueles que abordam o sujeito e sua relação com a linguagem sob a ótica da psicanálise, particularmente a leitura de Freud feita por Lacan. Na perspectiva da psicanálise de orientação lacaniana se produz a dupla concepção de uma fala fundamentalmente heterogênea e de um sujeito dividido. Por meio da polifonia não intencional de todo discurso, podem-se tentar recuperar indícios do inconsciente, pois, sob as palavras, outras palavras são ditas. Esta concepção do discurso atravessado pelo inconsciente se articula àquela do sujeito que não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas descentrado, dividido e clivado (AUTHIER-REVUZ, 1990).

Nesta imbricação de vozes, Authier-Revuz distingue duas formas de heterogeneidade: a constitutiva e a mostrada. Na primeira, a alteridade não é revelada (não consta da organização linear do discurso), permanece no interdiscurso, é implícita e não explícita o outro, situando-se na superfície da memória e do interdiscurso. Na segunda, a alteridade se manifesta no e pelo discurso, inscreve-se e se mostra inscrita a voz do outro, podendo ser recuperada e explicitada por marcas da presença do outro na cadeia discursiva. A heterogeneidade mostrada, conforme a autora, pode ser ainda marcada, visível na materialidade linguística, na enunciação, como o discurso direto, palavras entre aspas; e não-marcada, sem visibilidade, no discurso, como o discurso indireto livre e a ironia.

Analogamente, Dominique Maingueneau considera a heterogeneidade como a relação radical do interior do discurso com seu exterior. À heterogeneidade marcada de Jaqueline Authier-Revuz, corresponde o que o autor chama de heterogeneidade mostrada, a qual incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, como a citação e o discurso relatado (direto, indireto, indireto livre). Para o autor, a heterogeneidade constitutiva não é marcada em superfície, mas apreendida no e pelo interdiscurso (MAINGUENEAU, 1997, p. 75).

#### **4. Heterogeneidade enunciativa como recurso ficcional em *Ei, professor***

Interessa ressaltar o discurso direto livre e a ironia, que fazem emergir vozes inextricavelmente cruzadas e atravessadas, possibilitando a emergência do outro construído no discurso. Suprimindo sinais gráficos especiais, como as aspas ou travessão, e sem indicação do

autor do enunciado, com total liberdade sintática do escritor, o enunciador que relata dá voz ao enunciador relatado, como se percebe nos dois excertos a seguir:

Contei para eles, Depois da faculdade passei na prova para tirar o registro de professor mas achava que não tinha o dom necessário para a vida de professor. (p. 65)

Conversei com os professores, na lanchonete, a respeito do Kevin. Eles balançavam a cabeça. Diziam, Que pena. Alguns desses garotos acabam se perdendo, mas que diabo o professor pode fazer? Temos turmas enormes, não temos tempo e não somos psicólogos. (p. 107)

Antecipando-se à representação imaginária do enunciatário-leitor ao se identificar com o enunciador, o autor subentende e institui em seu texto um certo destinatário, hábil para interpretar seu discurso. O leitor preenche (ou não) as possibilidades criadas pelo autor, multiplica as opções de leitura, oferece novos caminhos. Quando da leitura, cada um destes destinatários constrói um discurso específico, povoado por outras tantas vozes enunciativas. A todo o momento, em **Ei, professor**, este coenunciador é interpelado e instado a interagir com o narrador, seja por perguntas diretas, seja por questionamentos elaborados a partir da própria reflexão do enunciatário do discurso em interação com a pluralidade enunciativa do texto.

Engenhosamente, o autor-narrador traz, na enunciação irônica, o discurso do outro para o seu, dando mostras de fazer prevalecer o outro no discurso. Encontra brechas na língua, vale-se da ambiguidade e da duplicidade de ideias, apresenta alternativas ao leitor para ler nos entremeios, brinca com as palavras, joga com os sentidos, como em:

Talvez você seja um desses caras atrevidos que são capazes de chegar na Helena de Tróia e perguntar o que ela vai fazer depois do cerco à cidade, dizer que você conhece um lugarzinho aconchegante nas ruínas de Ílium (p. 251).

Subvertendo a fronteira entre o que é assumido e o que não é pelo enunciador, a ironia pressupõe a existência, na superfície linguística, de um enunciado que deve ser lido no seu avesso, permitindo ao autor da enunciação desqualificar, ridicularizar e dirigir-se simultaneamente, com os mesmos enunciados, a destinatários diferentes. Desta maneira, a ironia mobiliza um conceito de implícito, do pressuposto, um conhecimento de mundo partilhado do co-enunciador, de forma a não comprometer a compreensão daquilo a ser veiculado pelo discurso. Tal ocorre, por exemplo, em:

Eu queria ser o Grande Professor Libertador, arrancá-los da sua servidão após anos de labuta fatigante em escritórios e em fábricas, ajudá-los a livrar-se de seus grilhões, conduzi-los ao topo da montanha para respirar o ar da

liberdade. Quando suas mentes ficassem livres da hipocrisia iriam me ver como um salvador (p. 127).

Talvez você seja um desses caras atrevidos que são capazes de chegar na Helena de Tróia e perguntar o que ela vai fazer depois do cerco à cidade, dizer que você conhece um lugarzinho aconchegante nas ruínas de Ílium (p. 251).

Todo o trecho é marcado pela ironia, por enunciados irônicos, ambíguos, mordazes. É ficcionalmente recuperada, por exemplo, a inspiradora e inesquecível antiga professora de inglês, a velha e querida Srta. Smith:

Ah, sim, tive uma professora de inglês, a senhorita Smith, que me inspirou de verdade. Nunca vou me esquecer da velha e querida senhorita Smith. Ela dizia que se em seus quarenta anos de magistério tivesse influenciado uma só criança já teria valido a pena o trabalho. Ela morreria feliz. Em seguida a inspiradora professora de inglês desaparece em sombras cinzentas para sobreviver a duras penas com sua aposentadoria minguada, sonhando com aquela única criança que talvez ela tenha influenciado. Sonhe professora. A senhora não vai ser louvada (p.13).

Ao se referir à ascensão à visibilidade social, como escritor, Mc Court alfineta: uma autoridade em todo tipo de infelicidade, um farol de esperança para cidadãos idosos de toda a parte que estão sempre a fim de contar histórias (p. 12).

As vicissitudes relatadas, exacerbadas pela insegurança e baixíssima auto-estima, teriam sido também determinantes no que o narrador ironicamente declara ser um desempenho pífio como professor, tal qual se depreende em:

Essa infância infeliz privou-me da auto-estima, provocou espasmos de autopiedade, paralisou minhas emoções, deixou-me irritadiço, invejoso e sem respeito pela autoridade, atrasou meu desenvolvimento, complicou minha interação com o sexo oposto [...] (p. 9).

Perpassa toda a narrativa o tom forçadamente confessional, o sentimento de autocomiseração e a timidez crônica de um indivíduo que se diz quase inapto para a sociedade humana (p. 9), que se reconhece arrasado, jogado no lixo (p. 173). Pelas características físicas, psicológicas, modo de se vestir e postura, Mc Court se revela como alguém que foge à imagem subentendida a um professor. Não raro, perde a dimensão de seu papel social e do que dele se supõe, como o uso de linguagem chula e proibida (p. 221), ou o relato de episódios considerados grotescos e imorais para um docente: Do umbigo para baixo o professor está morto (p. 196). O desprestígio acerca do profissional docente ecoa por toda a obra como repercussão da voz social, embutindo, ao que tudo indica, o ponto de vista do narrador:



Nos Estados Unidos, médicos, advogados, generais, atores, gente da tevê e políticos são admirados e recompensados. Professores, não. Lecionar é o fundo do poço das profissões. Mandam que os professores usem a porta dos fundos e dêem a volta por trás (p. 12).

No entanto, Mc Court insiste que apreciaria ser um profissional competente, fazendo transparecer, com afetada melancolia, num tom profundamente irônico:

Eu queria ser um bom professor. Queria a aprovação que viria quando eu mandasse meus alunos para casa repletos de ortografia e vocabulário e de tudo aquilo que eu pudesse encaminhá-los para uma vida melhor mas, mea culpa, eu não sabia como fazer isso (p. 81-2).

Todas as vozes pretensamente inseridas neste discurso – alunos, pais, superiores, a sociedade – sustentam a representação do que seria um *bom* professor. Espera-se que este deva ser capaz, por exemplo, de garantir a ordem, coibindo tudo aquilo que os jovens fazem justamente para se auto-afirmarem. Supõe-se que, sem ferir suscetibilidades, seja eficaz em mantê-los quietos e ocupados: Mantenha as crianças ocupadas senão podem começar a pensar (p. 247).

Sem marcas enunciativas na superfície discursiva, portanto, como heterogeneidade não-marcada ou constitutiva, presumidamente emergem, por meio do foco narrativo e do discurso direto livre, vozes conservadoras, representadas pelo senso comum, pelos discursos oficiais, pela burocracia do ensino. Sustentam-se e se reproduzem, deste modo, estereótipos, verdades consagradas, preconceitos, sempre alinhados aos discursos circulantes sobre tudo o que envolve o pedagógico, desde a percepção de serem os docentes coitados mal remunerados, ou negligentes, irresponsáveis, incompetentes. Entre estes discursos socialmente circulantes, inscreve-se a pergunta recorrente: “Ei, senhor Mc Court, o senhor já trabalhou de verdade, não digo dar aula, mas, sabe, um trabalho de verdade?” (p. 65).

Emergem igualmente vozes demandando rupturas, tais como Mc Court procurando construir formas de se relacionar com os alunos sem se exceder no autoritarismo característico de alguns docentes, não um “John Wayne da pedagogia” (p. 155), pois ele mesmo tem grande resistência a acatar a autoridade. Além disso, imagina ser factível uma escola onde os professores sejam guias e mentores, e não capatazes. Vem à tona também a voz dos discentes: “Um garoto levanta a mão. Diz, por que os professores não conseguem tratar a gente como seres humanos?” (p. 78).

Perpassam toda a narrativa sentimentos de culpa, insegurança, autopunição, uma dissonância entre a tentativa de exercer controle sobre os alunos e sua própria rebeldia em



seguir normas e convenções. Como vários destes outsiders, o próprio Mc Court vivencia a incômoda e permanente sensação de não-pertencimento, por sentir-se irlandês tendo nascido nos Estados Unidos, por não ter a aptidão de entrosamento social, por não alimentar ambições profissionais, por ser pobre, católico, reconhecer-se um fracassado, e ter consciência de sua grande dificuldade para estabelecer vínculos de afeto.

Esta enorme relutância para interagir socialmente dificulta ou impede que Mc Court manifeste seus pontos de vista diante de seus interlocutores, numa eterna contenda em que o outro sempre *leva a melhor*. Suas relações interpessoais são marcadas pela disposição emocional para encarar a tudo e todos como numa permanente disputa. Esta dualidade também se manifesta no universo escolar, na relação com colegas, superiores e alunos, e no enfrentamento de todos os percalços inerentes à docência, inseridos em discursos vários, já conhecidos por uma coletividade e que, de certa maneira e em certos contextos, gozam o privilégio da intangibilidade e provocam repercussões que se revestem de um caráter de verossimilhança, sobre os quais pesam coerções muito fortes. Noutras palavras, são praticamente reprodução de chavões os discursos com relação à baixa remuneração, condições de trabalho inadequadas, desprestígio social, entre outros.

Evidencia-se, por exemplo, o chamado mal-estar docente, sensação embaraçosa e desestabilizadora de não agradar, de não perceber interesse nos alunos. Talvez ainda mais complexo que o próprio gerir da sala de aula seja o lidar com a quase permanente ameaça de demissão, constantes recriminações advindas de supervisores (p. 186), funcionários do governo ou seus superiores zelosos (p. 230), pessoas sempre atentas ao cumprimento do currículo (p. 215). Neste sentido, Mc Court nos adverte: Não espere receber ajuda das pessoas que fugiram da sala de aula, os superiores. Estão tão ocupados indo almoçar e elaborando pensamentos elevados (p.262). Poucas vezes na carreira, sua atuação pedagógica é valorizada, não apenas pelo que o próprio Mc Court considera sua inegável falta de jeito pela coisa, quanto pelo caráter punitivo das interações entre superiores e docentes, numa dinâmica tal que as repreensões chegam rapidamente ao professor. Inversamente, os elogios praticamente inexistem. Sempre prontos a prestar sua inestimável contribuição à carreira e ao desempenho de um colega, especialmente se este for novato, há os colegas de trabalho, os veteranos, que, por meio do discurso da pedagogia infalível, distribuem conselhos e demonstram ter total controle sobre tudo.

Pode-se, então, questionar se, já no fim da carreira docente, por ter Mc Court encontrado meios de tornar mais significativa e socialmente mais relevante sua prática pedagógica, haveria um final feliz neste relato autobiográfico. Na verdade, no percurso pessoal

e profissional de desventuras vivenciadas pelo autor-narrador, e mesmo no relato de seus parcos êxitos pedagógicos, não há qualquer idealização da carreira docente:

O grande drama americano é o choque da adolescência com a meia-idade. Meus hormônios suplicam por uma tranquila clareira na floresta, os hormônios deles exigem a estridência, o estrondo. Hoje eles não querem ser incomodados por pais e professores. Eu também não quero ser incomodado por eles. Não quero vê-los nem ouvi-los. Desperdicei meus melhores anos na companhia de adolescentes barulhentos [...] Eu queria que essa garotada desaparecesse. [...] Reconheço que nem sempre gostei de dar aula. Eu não estava no meu ambiente. [...] Vou me atirar nos livros que fiquei sem ler nos últimos 30 anos (p. 261-2-3).

Tampouco se percebem na obra indícios de que se possa reverter a situação do ensino ou da carreira docente, na qual, paradoxalmente, quanto mais distante da sala de aula, maior a recompensa profissional e financeira. Vários motivos podem levar alguém, a despeito dos parcos atrativos financeiros, a se interessar pela carreira docente, que não a inclinação profissional e o talento nato. No caso de Mc Court, muitas vezes, ele se questiona se não estaria melhor como estivador no porto. Embora encare como um verdadeiro milagre ter conseguido estudar e obter um registro de professor, Mc Court sentencia:

[...] ser professor é o fundo do poço das profissões. [...] Quem ia querer um emprego escroto que nem esse? Longas horas, salário baixo e onde estava a gratidão por lidar com os pirralhos dos Estados Unidos? Era por isso que o país inteiro clamava por professores (p. 64).

Sobressai uma condição profissional socialmente obscura (p. 10), cujos fracassos e deméritos são alvo frequente das autoridades do ensino, pais, alunos, colegas de trabalho e mídia. Queixa-se Mc Court: [...] ninguém, a não ser meus alunos, prestava a menor atenção em mim. No mundo fora da escola eu era invisível (p. 10). Esta invisibilidade se dissipa ao ser aquela novidade geriátrica com sotaque irlandês descoberta como escritor. Publicado seu primeiro livro, tornado best seller, Mc Court se transforma em celebridade, aparece na TV, pedem-lhe opiniões sobre os mais diversos e inúteis assuntos, é entrevistado e fotografado, encontra outros notáveis. Enfim, ironicamente Frank Mc Court passa a ser alguém reconhecível, não um mero professor que dia após dia se dedica à desgastante atividade do magistério (p. 12).

Resta, assim, por meio de uma voz conciliatória, ou do bom senso, a percepção de que depende apenas do professor elaborar seus próprios meios de defesa e sobrevivência: É duro mas você tem de encontrar um jeito de sentir-se à vontade na sala de aula (p. 262). Ao vivenciar esta complexa dinâmica, no contato com supervisores, alunos e seus pais, o professor aprende, na verdade, a contornar problemas e adversidades, muitas vezes, de forma intuitiva e criativa,

sobretudo ao conseguir se desvencilhar dos rótulos e do peso que estes acarretam. Se há algum conselho a transmitir a jovens professores, na perspectiva de Mc Court, é o de que, de algum modo, é preciso descobrir algo de que se goste verdadeiramente, para pôr em prática e para possibilitar o sentir-se à vontade na sala de aula.

## 5. Considerações Finais

Pela narrativa, em pretensa interação com o narrador, manifestam-se familiares, amigos, alunos, pais, superiores, colegas de profissão, sociedade, mídia. No entanto, na superfície discursiva, detecta-se que o significativo não está nos diálogos estabelecidos com a alteridade, mas o que a eles está subjacente, ou seja, a própria voz do narrador. Parece-nos que a problemática da alteridade se dilui nas formas não marcadas da heterogeneidade aqui examinadas, a saber, discurso direto livre e ironia, aparentemente evidenciando a perspectiva do outro inserido no discurso. Na verdade, pode-se conjecturar que estas vozes representam as diversas faces do senso comum, dos chavões circulantes nos discursos histórica e socialmente constituídos, sem que o enunciado possa ser diretamente atribuído a um enunciador específico.

Também de acordo com Bakhtin (1992), *polifonia* se refere ao romance *polifônico*, caracterizado pelo não acabamento, inconclusibilidade, sujeito a mudanças e apresentando personagens num processo de evolução que não se fecha ou se conclui; em oposição a romance *monológico*, caracterizado pela intervenção soberana do escritor, acabamento, conclusividade, não liberdade ficcional das personagens. A despeito dessas vozes na superfície discursiva, **Teacher man** não se constitui como romance polifônico, de acordo com a perspectiva bakhtiniana, pois é o próprio narrador que assume as pretensas vozes, delas se valendo em inúmeras artimanhas da narrativa. Cabe ao leitor desvendá-las.

Encobridor e/ou revelador dos pontos de vista do autor-narrador, e de sua voz enunciativa propriamente dita, num processo de mesclagem de vozes, os enunciados incorporam diferentes responsáveis pela enunciação, trazendo à tona, no que nos permite considerar uma crítica social, temas como: a delicada relação aluno-professor; a desvalorização social do docente, seu papel social e profissional; rigidez de regras, currículos e programas escolares; dificuldade constante de conseguir cativar os jovens; permanente competição e falta de cooperação entre colegas de profissão. Por outro lado, pode-se questionar se, como discurso constituído, Ei, professor não faz mais que veicular o senso comum sobre uma série de questões relativas a docência, educação, ensino, bem como a desigualdades sociais.

Neste sentido, em **Ei, professor**, a identidade discursiva também é estabelecida por sua relação de confronto e/ou adesão a vários outros discursos. Instauram-se vozes orquestradas pelo narrador em função de sua visão de mundo, as quais se apresentam como pluralidade de sentidos e trocas entre discursos. Nestas discordâncias entre vozes, desestabiliza-se a fronteira entre o que é assumido e o que não é pelo enunciador.

### **Referências Bibliográficas**

ALBERTI, V. **Literatura e autobiografia**: a questão do sujeito da narrativa. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 66-81.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Palavras incertas** – As não coincidências do dizer. Campinas: UNICAMP, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. **Entre a transparência e a opacidade**. Um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, (1981). **Problemas da Poética de Dostoiévski** (Trad. de BEZERRA, P.) Rio de Janeiro: Forense-Universitária (Tít. original: Problémi Poétiki Dostoiévskovo), 1992.

CALLES, Diva Cleide. **O ser professor em obras literárias autorreferenciadas e em filmes**: dimensões profissionais e emocionais do trabalho docente. Tese de Doutorado, em Didática, Práticas Escolares e Teorias de Ensino, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2012.

LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico**. De Rousseau a Internet. NORONHA, Jovita M. Gerheim (org.). Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação** (Trad. SOUZA-E-SILVA, Cecília P., ROCHA, Décio). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso** (Trad. INDURSKY, Freda). Campinas (SP): Pontes, 2002.

MC COURT, Frank. **Ei, Professor** (Trad. FIGUEIREDO, Rubens). Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

MCCOURT, Frank. **Teacher man**. A memoir. New York: Scribner, 2005.